

# A morte narrada e as perspectivas etnográficas dos rituais fúnebres.<sup>1</sup>

Jaqueline Pereira de Sousa (UFPA)

Palavras-chave: Morte; Objetos; Narrativas.

*[...] só a morte vejo ativa,  
só a morte deparei  
e às vezes até festiva  
só a morte tem encontrado  
quem pensava encontrar vida...*

**João Cabral de Melo Neto, Morte e Vida Severina,  
1955**

Do trecho dramático que reflete a experiência na morte nas andanças dos retirantes nordestinos em busca de melhores condições de vida e fugindo da seca que arrebata o sertão do Brasil, é possível extrair algo em comum e atual ao nos indagarmos – antropologicamente – sob o que circunda a morte nas escrituras acadêmicas.

E, no contexto das religiosidades é que a morte se insere e faz a integração dos grupos sociais. Para a autora Queiroz (1973), no âmbito das sociedades ruralizadas (em seu texto nomeadas como “rústicas”) mantêm as festas religiosas como vínculos sociais, influenciados pelo catolicismo popular, se avigoram enquanto manutenção dessas amarrações por entre os grupos.

A Igreja Católica que, ao avançar dos oceanos pelos séculos XV e XVI, traz consigo suas ideias centrais que se adaptaram aos contextos latino-americanos, através das inserções das religiosidades de outras culturas, sobrevivendo e reforçando seus conceitos em suas práticas. O catolicismo popular é “uma religião voltada para a vida aqui da terra” (ZALUAR, 1983: p. 13).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.

Talvez pelo fato de que a influência hispânico-ibérica dentre essas sociedades fosse um fator que unisse em termos de religiosidade, as experiências ritualísticas da morte. Tanto espanhóis como os portugueses, trouxeram em suas naus destruição, empoderamento, etnocentrismo e os ditames da igreja católica. A colonização baseada no catolicismo, embora considerada distintas, visto as inúmeras especialidades trazidas e impostas por Portugal e Espanha (HOLANDA, 1969), o que circunda em torno do catolicismo teria se instaurado, já que não pode ser pensado separadamente, em seus rituais fúnebres.

O que motiva a esclarecer alguns pormenores do catolicismo *à brasileira* é que, impulsionados e influenciados pelas culturas que cercam uma espécie de “identidade brasileira” – se não cristalizada – , com aspectos que traga algo que nos reconheçamos, tal qual

Nosso velho catolicismo, tão característico, que permite tratar os santos com uma intimidade quase desrespeitosa e que deve parecer estranho às almas verdadeiramente religiosas, provém ainda dos mesmos motivos. A popularidade, entre nós, de uma santa Teresa de Lisieux - santa Teresinha - resulta muito do caráter intimista que pode adquirir seu culto, culto amável e quase fraterno, que se acomoda mal às cerimônias e suprime as distâncias. (...) foi justamente o nosso culto sem obrigações e sem rigor, intimista e familiar, a que se poderia chamar, com alguma impropriedade, 'democrático', um culto em que se dispensava no fiel todo esforço, toda diligência, toda tirania sobre si mesmo, o que corrompeu, pela base, o nosso sentimento religioso (HOLANDA, 1969: p. 149).

A pragmática observação feita pelo autor de como o brasileiro repudia as ritualizações (HOLANDA, 1969), ultrapassa a espera pública dos órgãos estatais e se expande além das relações pessoas-pessoas; alcançando pessoas-sagrado. Essa ligação de familiaridade entre santos e sujeitos, dá um caráter *sui generis* às formas como o brasileiro lida com a morte e seus mortos. A distância entre o sacro e o indivíduo é significativamente diminuída, para que esse elo seja experienciado de uma maneira mais intensa, como observou Freyre (2004, p. lxxviii)

O costume de se enterrarem os mortos dentro de casa – na capela, que era uma puxada da casa – é bem característico do espírito patriarcal de coesão de família. Os mortos continuavam sob o mesmo teto que os vivos. Entre os santos e as flores devotas. Santos e mortos eram afinal parte da família.

A complementariedade entre os mortos e os vivos é ressaltada até hoje nos espaços ruralizados, especialmente onde o meu trabalho de campo está sendo realizado, no interior do Piauí. A presença dos mortos se insere instantaneamente no cotidiano das famílias, quando ao se chegar em uma casa que algum ente querido tenha falecido, a recepção é feita pela foto na entrada da sala, demarcando o local de eficácia de visibilidade ao finado (SOUSA, 2011).

A casa está repleta de participações desse morto, dentre elas, as honras, as normas e os objetos que prendem o finado ao mundo dos vivos, contudo, estando em um patamar diferenciado nas divisões de status do lar

Abaixo dos santos e acima dos vivos ficavam, na hierarquia patriarcal, os mortos, governando e vigiando o mais possível a vida dos filhos, netos, bisnetos. Em muita casa-grande conservavam-se seus retratos no santuário, entre as imagens dos santos, com direito à mesma luz votiva de lamparina e azeite às mesmas flores devotas. Também se conservavam às vezes as tranças das senhoras, os cachos dos meninos que morriam anjos. Um culto doméstico dos mortos que lembra o dos antigos gregos e romanos (FREYRE, 2004: p. lxix).

Embora o autor se refira a uma realidade do período colonial das fazendas de engenho pernambucanas, existe uma disseminação dessa prática se deu nos mais diversos contextos socioeconômicos, não sendo apenas uma retratação de um fato característico da elite patriarcal do nordeste.

A partir de uma ampliação dos aportes teóricos e do campo de trabalho, é possível enxergar uma abertura para a discussão de como os indivíduos no espaço ruralizado e contextualizados dentro do catolicismo popular, consegue lidar com a morte de seus entes queridos e quais mediações são percebidas e apreendidas por eles e, intermediados pelas narrativas de suas experiências, a etnobiografia auxilia na elaboração desse texto que empenha-se em desvendar os interditos das vivências fúnebres e o cotidiano dos mortos, a partir dos dizeres e fazeres dos vivos para dar continuidade das presenças através das memórias, objetos e manutenção dos rituais.

Pelas minhas andanças pelo contexto funerário me fizeram encontrar dois territórios – mesmo que distanciados geograficamente – de correspondente proximidade quando o olhar antropológico é direcionado às particularidades das vivências e conveniências da morte entre as comunidades de Santa Luzia (localizado no município de Breves,

arquipélago do Marajó – Pará) e Barra Grande (localizado no município de Cajueiro da Praia – Piauí).

A proposta de se pensar a vivência da morte nesses dois lugares iniciou-se pelas inquietações quando me pareceram dissonantes em suas formas de narrar sobre o cotidiano dos mortos, a performance fúnebre e a paisagem dos cemitérios sob o regime das águas: rio e mar, enquanto que as similitudes esbarram no contexto ruralizado e localizado à beira da água (doce e salgada) e nas celebrações do catolicismo popular atravessadas por rituais religiosos indígenas e dos povos vindos da diáspora africana.

Esse artigo abordará especificamente a comunidade litorânea Barra Grande.

De acordo com Miller (2006, p. 6), é preciso estar atento aos acontecimentos que não se podem criar expectativas enquanto projetos

Um ponto importante sobre etnografia é que não utilizamos hipótese, não sabemos qual será a dimensão vertical e horizontal e não podemos prever qual será o entrosamento delas. É preciso entrar nos detalhes da pesquisa para descobrir quais seriam as variáveis relevantes[...]Essa questão surge quando você faz etnografia, as pessoas fazem as coisas de formas diferentes. Existem questões que surgem ao olharmos os detalhes da etnografia e que te dão insights que levam a questões teóricas mais gerais.

Fazer uma etnografia a morte e os objetos que a contornam , quer dizer, partir do ponto inicial de qual o sentido que as pessoas dão à ela e à incorporação do morto em seus cotidianos, logo, captar como significado de uma marca identitária, é observar, mesmo que nas entrelinhas a presença da morte nas narrativas dos sujeitos pesquisados e nas expressões de suas performances. Diante de um tema tabu, essa pesquisa busca o lugar da morte na própria vida dos sujeitos

pois a morte não destrói o morto, ainda que visivelmente extinga sua vida entre os vivos. Ela apenas o desloca, isto é, transporta-o para um outro mundo ou para uma sucessão de outras vidas em outros corpos de outros planos de espírito e da matéria. [...] Não havendo destruição com a morte mas separação entre planos de vidas e vivos, todo o problema do rito dos mortos é lidar com os mistérios dessa disjunção que, no entanto, realiza em cada um o mais absoluto encontro com sua própria unidade (BRANDÃO, 1989: p.189-0).

IMAGEM 1: a localidade de Barra Grande, o Cemitério São José e a casa do José Carlos, rapaz que me abrigou durante a pesquisa de campo . A fotografia é uma captura do satélite pelo google earth salvo através do programa de computador.

As narrativas sobre as experiências da morte e do morrer serão protagonizadas por dois interlocutores: Seu Domingos e Dona Ruth.

Seu Domingos cuida de um cemitério de anjinhos<sup>2</sup> que fica em frente à sua casa e dona Ruth convive com os túmulos dos pais no quintal da sua casa.

Seu Domingos diz nascer na “era de cinquenta”. Nascido em Barra Grande, conta que trabalhou na roça até os treze anos mas o seu sonho era ser pescador. Ele não sabia sobre as técnicas dos pescadores, mas os acompanhava nas viagens com o propósito de aprender o ofício. Casou-se com dezoito anos e criou dez filhos através dos rendimentos da pesca, que afirma ser “um ramo que você aprende sem cultura”, enfatizando os saberes populares e, atualmente, pescador precisa de gps, mapas, bússolas, etc...

Por entre clamores acerca dos prejuízos trazidos pelo turismo, responsabilizando o excesso de pousadas e o *kitesurf*<sup>3</sup> e a facilidade de empregos nessas pousadas para os moradores, Seu Domingos constrói uma história baseada em conflitos da associação de pescadores, a dificuldade de criar seus filhos e netos e a perda da esposa em 2009, vítima de um câncer na mama.

Enquanto Seu Domingos tece a rede de pesca e conversa com os amigos que passam pela frente da sua casa, não consigo tirar os olhos do cemitério dos anjinhos que está bem em frente da sua residência. Aproveito o momento em que ele se distrai para reclamar com o barulho que as netas faziam ao redor da gente e vou direto à questão: qual a história daquele cemitério de anjinhos?

Seu Domingos traz à tona a memória dos anos cinquenta, quando era criança “e nem se entendia por gente”, mas se recorda da história a partir do que contavam as pessoas próximas.

O seu primo – também de nome Domingos – que tinha dezesseis anos estava retirando terra no local para construção de uma casa. Enquanto ele estava dentro do buraco, um amigo do finado chegou ao local e Domingos pediu água. Quando o amigo voltou, as

---

<sup>2</sup> Expressão para cemitérios católicos onde são enterradas apenas crianças que morreram e que não foram batizadas.

<sup>3</sup> A prática do esporte kitesurf faz com que os peixes se afastem da praia, prejudicando a pesca dos moradores de Barra Grande.

beiras do buraco tinha cedido e soterrado Domingos. Quando desenterram-no ele já estava morto.

Apesar de não ser enterrado lá e sim no cemitério São José, a família preservou o local do acidente e muitas pessoas vinham de longe pagar promessa trazendo garrafas de água em razão de sua alma ter realizado muitos milagres. Seu Domingos frisa que ele morreu com muita sede, por isso seus milagres são trocados por garrafas d'água colocadas ao lado do cruzeiro, no centro do cemitério dos anjinhos.

A decisão em transformar o local do acidente em cemitério de anjinhos fora dos pais do finado Domingos que, ao perder um de seus filhos recém-nascido, a criação do cemitério de anjinhos se firmou em frente à casa da família de Seu Domingos, e, muitos outros anjinhos ali estão enterrados, não só familiares, mas de toda a cidade de Barra Grande.

Antes de conhecer seu Domingos nem imaginar que o cuidador do cemitério morava em frente, eu perguntei a uma senhora que estava fazendo compras na mercearia próxima à esquina do cemitério dos anjinhos se ela conhecia alguém que tinha filho enterrado lá. Ela responde: “sim, conheço. Eu mesma enterrei um filho que morreu com nove meses de nascido lá.” Eu agradeço por ela falar sobre isso, mas vejo que ela se afasta e evita contato visual.

IMAGEM 2: O muro do cemitério feito por Seu Domingos com apoio financeiro de uma assistente social de Teresina que trabalhava na cidade e decidiu colocar o nome da mãe dela na placa e não do finado Domingos.

Muitos netos, sobrinhos e primos do Seu Domingos estão enterrados nesse cemitério. O que preocupa ele é a vizinha (protestante, diga-se para registro) da esquerda do cemitério dos anjinhos que tenta aumentar o terreno da sua casa invadindo o espaço do cemitério. Ele tem muito zelo por esse cemitério. É como um espaço que guarda as histórias dos seus familiares e, me diz com veemência: “aqui é da nossa terra e aí são os filhos da nossa terra. É uma semente que nasceu e se acabou aqui”.

Já o cemitério à beira do mar, onde estão enterrados os pais e alguns irmãos de seu Domingos e, por último sua esposa. O interlocutor inicia a construção da história do cemitério São José sobre uma antiga apreensão dos moradores da localidade por não ter cercas no cemitério. Visto ser um território sacralizado com a presença de mortos,

alguns habitantes resolveram construir uma cerca de madeira para demarcação e, possivelmente, proteção dos antepassados. A constante invasão dos territórios na beira do mar envoltos à especulação imobiliária surgidas a partir da intensificação da prática do turismo.

Sobre a morte de sua esposa, sinto que Seu Domingos muda de semblante ao deixar a fala altaneira para uma voz sombreada. Prefiro me despedir e ele continua seu trabalho de tecer a rede de pescar. Em outros encontros o assunto será abordado com respeito e solidariedade à sua dor.

IMAGEM 3: registro panorâmico de pouco alcance aos detalhes dos túmulos e os objetos que eles carregam, mas que traz uma perspectiva aproximada da dimensão territorial do cemitério São José.

A fundação do cemitério São José é incerta, mas nele se encontram túmulos (em forma de estelas) de 1918. É possível que outras datas anteriores sejam encontradas.

Durante uma das minhas primeiras conversas sobre os enterramentos no cemitério São José, esperava ouvir das mortes antigas, porém, me foi relatado os três últimos falecimentos: três jovens: um rapaz degolado no Rio de Janeiro pelo companheiro, uma semana depois a prima desse rapaz que tinha câncer mas acreditam que sua morte foi acelerada pelo choque do assassinato do primo, em seguida, um cabeleireiro que foi encontrado morto em seu quarto depois de alguns dias após sua morte. Talvez suicídio pela maneira que me foram narrando, mas as pessoas não se sentem a vontade com essa indagação feita por mim.

As narrativas sobre os mortos vão surgindo a partir de questões intermediadas pelo assunto religião. E, ao perguntar erroneamente a dona Ruth sobre sua religião, dando a ela as opções “protestante ou católica?”, ela faz um silêncio e me responde “rapaz, eu sou tudo! Pra terminar a conversa, até umbandista eu sou!”. A conversa não terminou aí como ela queria, mas aprendi uma lição de técnica de pesquisa antropológica nesse momento.

Os pais de dona Ruth eram pais de santo. O terreiro fica ao lado da casa dela. É uma casa de adobo fechada no cadeado. Do intervalo do falecimento de seu pai para a sua

mãe foi um mês. Eles deixaram o pedido de ser enterrado no fundo do terreiro. Os pais morreram há doze anos. O pai morreu em casa e a mãe faleceu no hospital. Ela relata a que preferiu trazer o pai para morrer em casa, visto que o médico já “tinha despachado”, não via possibilidades de melhora. Ela enfatiza a dificuldade de transportar um corpo de uma cidade para outra e toda a burocracia envolta. além do mais, o pai queria morrer em sua casa. Em seu leito. Ao redor de seus familiares. O pai faleceu de úlcera de estômago e a mãe de tristeza...

O pai deixou delimitado o lugar que queria ser enterrado e assim foi feito à sua vontade. Todos os filhos respeitaram. A mãe de dona Ruth teve 18 filhos. 9 morreram e 9 “se criaram”. A sentinela de ambos foi feita no próprio terreiro de umbanda.

IMAGEM 4: O túmulo dos pais de dona Ruth. As datas de falecimento tem a diferença de um mês, apenas. No lado direito do túmulo, um campo de futebol onde os sobrinhos de dona Ruth jogam bola todas as tardes. No lado esquerdo, um pedaço do terreiro de umbanda dos falecidos.

Os pais deixaram para dona Ruth a missão de continuar os trabalhos de liderança do terreiro dos pais, mas ela não quis. E sofre muito com essa “desobediência de santo”, já que tem muitas dores de cabeça.

Ao pedir permissão e convidá-la a ir comigo ver os túmulos de seus pais, dona Ruth nega veementemente. Peço desculpas para ela, mas logo a filha dela me fala que a mãe não gosta de entrar em cemitérios pois ela vê os mortos, especialmente na segunda-feira o dia das almas. Era uma segunda-feira.

Essa pesquisa está em andamento por se tratar de uma temática delicada e de necessitar de uma maior convivência com os vivos para uma aproximação com seus mortos pelas narrativas. As narrativas de Seu Domingos e dona Ruth acometem o cotidiano da morte que me parece evidenciado em suas memórias através de seus pertencimentos culturais, seja na fotopintura que seu Domingos mandou fazer em Recife dele e sua esposa após o seu falecimento e que fez questão de me mostrar: pendurado em sua sala e cercada de imagens de santos ou do capinar mensal no cemitério de anjinhos, seja na conservação de uma casa de adobe lacrada no cadeado, mas que dona Ruth e seus irmãos não abrem mão de conservar como objetos mediadores de suas recordações e constatação de que esses mortos continuam presentes e (re)vividos nos rituais fúnebres.



## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A cultura na rua*. Campinas: Papirus, 1989.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2004.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio. 1969.

MILLER, Daniel. Antropologia do Consumo. Palestra em 11/09/2006.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O catolicismo rústico no Brasil. In: \_\_\_\_\_. *O campesinato brasileiro*. São Paulo: Ed. da USP, 1973: pp. 72-99

SOUSA, Jaqueline Pereira de. *Exortando Corpos: por uma antropologia dos ritos fúnebre*. Teresina: Universidade Federal do Piauí/Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia, 2011 [Dissertação de mestrado].

ZALUAR, Alba. *Os Homens de deus. Um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular*. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.